



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO COTIDIANO ESCOLAR: TECENDO REFLEXÕES

Dayan Mendonça Santos da Costa; Olivia Suenia do Nascimento Moreno; Joseval dos Reis Miranda

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista PIBID, UFPB – Campus IV, dayan.mendonca@hotmail.com; Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista PIBID, UFPB – Campus IV, sueniamoreno@outlook.com; Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – Campus IV, josevalmiranda@yahoo.com.br

“A Orientação Sexual é um processo formal e sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade”. (SUPLICY, 1998, p.8).

Resumo: O presente estudo teve por objetivo geral compreender de maneira mais efetiva como as gestoras trabalham o tema sexualidade no cotidiano escolar. Como objetivos específicos tivemos de refletir sobre a importância da educação sexual na escola; analisar a relação aluno e escola na perspectiva da educação sexual; identificar junto aos gestores escolares as dificuldades relacionadas ao tema sexualidade no seu trabalho docente e observar como é trabalhado o tema sexualidade na escola no seu cotidiano. A metodologia foi de cunho qualitativo e utilizamos como procedimentos de coleta de informações a entrevista semiestruturadas e observação participante. Foram interlocutoras da pesquisa gestoras de duas escolas que trabalham com Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nossos aportes teóricos constituíram-se de autores que discutem a temática da Educação Sexual no contexto escolar conforme as nossas referências. Os resultados apontam que a escola, ao promover conhecimento sobre sexualidade fortalece o aluno e cria condições para tomadas de decisões assertivas, diminuindo a vulnerabilidade e melhorando o desempenho escolar, não podemos incorrer no erro de reduzir a sexualidade ao conceito biológico, nem tampouco, restringi-la a uma faixa etária específica, pois entendemos que a educação sexual é um desafio a ser alcançado pelos gestores e professores que trabalham diariamente com crianças de qualquer faixa etária. A nossa expectativa é as socializações aqui no presente texto provoquem novas reflexões com vistas ao trabalho com a Educação Sexual na escola com pais, mães e estudantes.

Palavras chave: Educação Sexual, Gestores escolares, Formação de professores e a sexualidade.

Introdução

A sexualidade é algo que desenvolvemos desde o nascimento e faz parte da nossa vida em todos os momentos. Essa característica da sexualidade ser construída socialmente envolve a todos, aos pais e aos educadores. Todos nós somos educadores sexuais; assim, todas as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

peças são educadas sexualmente. Suplicy (*apud* RIBEIRO, 1993, p. 22), coloca o que seria educação sexual:

Educação Sexual começa no útero da mãe e só termina com a morte. É um processo ininterrupto, e é através dela que vamos formando a nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformando nosso pensamento.

Desta forma, observamos a importância da escola no contexto sexual dos alunos, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais cujas escolas têm informações sobre a educação sexual por meio do currículo desde as séries iniciais. Quando estudamos o corpo humano, e nas séries seguintes, quando estudamos as mudanças em todas as fases da vida humana, quando são abordados conteúdos sobre as doenças sexualmente transmissíveis, além de esclarecer sobre drogas e a gravidez na adolescência e seus riscos quando precoce. Entretanto, salientamos que a Educação sexual não se resume somente a esses assuntos ou temas. É uma temática mais ampla e complexa.

Criados em 1996 pelo governo federal, os PCN's têm por objetivo estabelecer uma referência curricular nacional. No Brasil, essa é a primeira vez que o tema orientação sexual ou educação sexual é oficialmente inserido no currículo escolar nacional.

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, as discussões de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o "ficar" e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribuí para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL 1998 p.293).

Nos últimos anos o termo "educação sexual" tem sido substituído por "orientação sexual" e frequentemente utilizado no campo da educação, mas essa Orientação Sexual também pode ser realizada por outras instituições que não a escola, como os orfanatos, creches, comunidades, associações de bairro e sindicatos (RIBEIRO, 1990).

É importante ressaltar que a Educação Sexual realizada através da escola, não substitui nem concorre com a função da família, mas sim a complementa. A família, responsável pela educação sexual das crianças e adolescentes, tem valores que, de uma forma ou de outra, são passados para elas (crianças e adolescentes), como valores que devem ser aceitos e adotados, o que nem sempre ocorre.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A escola possui uma condição diferenciada em relação a família, contudo cabe a ela, escola, discutir as questões ligadas à sexualidade, abordando diferentes pontos de vista, valores e crenças. Podemos dizer que são diferenciados os tratamentos dados à sexualidade, no espaço familiar e no espaço escolar.

Na escola, a convivência entre os alunos possibilita diferentes aprendizagens, as quais favorecem a socialização e internalização de novas crenças, novos comportamentos, novas formas de relacionamentos, como também a vivência com outras culturas e experiências em torno de diferentes aspectos, dentre eles, a sexualidade, onde os mesmos tem a contribuição para seu conhecimento, valorização e acima de tudo respeito aos direitos sexuais.

Para tanto, é necessário saber qual o real papel dessa educação na vida da criança. Nesse sentido Souza (2002) ressalta:

Educar sexualmente significa orientar a criança para que passe pelas fases de evolução de sua sexualidade de forma que sua vida afetiva se estruture de modo sadio. Ajuda a criança e o jovem a encontrar uma forma de satisfazer seus impulsos a superar as tensões do ambiente. Favorece um ajustamento do indivíduo consigo mesmo, livrando-o da ansiedade que desvia suas energias, inclusive dos estudos. (SOUZA, 2002, p.15).

As manifestações da sexualidade ocorrem em diferentes espaços sociais e nas mais variadas situações, nas escolas são levantados vários questionamentos em relação deste tema onde podemos refletir, como, se os professores se sentem preparados para falar de sexualidade? Qual o papel da escola ao oferecer educação sexual? Como os pais reagem ao saber do tema em sala de aula. Essas e outras questões pertinentes ao assunto serão as que nortearão esta pesquisa, que tem como objetivo geral analisar como a gestão escolar trabalha com o tema sexualidade na escola.

Os docentes, em sua grande maioria, são de uma geração onde a sexualidade não era abordada no espaço escolar e até mesmo no âmbito familiar. Reprimida e repudiada pelos valores morais, culturais e religiosos como sendo algo pecaminoso, as manifestações da sexualidade na escola eram motivos de escândalo. Assim, incluir em sua prática educacional a Educação Sexual é um desafio.

A Educação Sexual pode ser trabalhada na escola por diversas maneiras, tais como através de intervenção pontual, quando o professor age diante de um fato ou uma solicitação



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

do aluno; através de palestras, que é uma atividade coletiva, sem necessidade de limitação de número de participantes que visa sensibilizar os alunos diante de um determinado tema; também com trabalhos em oficinas temáticas, que é um trabalho em grupo e que se caracteriza pela participação dos alunos na construção do saber sobre um determinado tema.

Não poderíamos deixar de mencionar que é importante que o trabalho docente esteja pautado em estudos sobre a sexualidade, haja vista a necessidade de problematizar, questionar, dialogar e compreender os elementos culturais, sociais e históricos que constituem esse aspecto da vida humana. Nessa direção, salientamos a importância da formação inicial e continuada em torno da temática, na perspectiva teórico-metodológica que,

[...] os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.50).

Diante disso, a relação entre professor e aluno deve focar no diálogo, onde o conteúdo deve ser construído em uma relação dialógica, de confiança e de respeito. O educador deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou “verdades absolutas”, mas fazer uma reflexão dialógica, permitindo que o próprio aluno seja capaz de formar sua própria opinião de maneira consciente.

Assim sendo, buscamos através de esta pesquisa refletir sobre a importância da educação sexual na escola; analisar a relação aluno e escola na perspectiva da educação sexual; identificar junto aos gestores escolares as dificuldades relacionadas ao tema sexualidade no seu trabalho docente e observar como é trabalhado o tema sexualidade na escola no seu cotidiano.

Metodologia

Nossa pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do município de Mamanguape – Paraíba, sendo uma estadual e uma, municipal, São elas: Escola Estadual de Ensino Fundamental Raio de Sol, situada na rua Marcos Barbosa nº 145 e Escola Municipal de Ensino Fundamental Carrossel, situada na rua Coronel Luís Inácio nº 45; e objetivou analisar



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e compreender como a gestão escolar trabalha com o tema sexualidade na escola. Escolhemos as escolas citadas por já ter estagiado nelas em outros momentos do curso, pelo acesso que temos as gestoras e pela diversidade nas gestões.

A pesquisa foi realizada de forma descritiva, qualitativa, com o objetivo de buscar a profundidade trabalhando com o pressuposto, procurando responde as questões do estudo onde a fonte de dados é um ambiente natural valorizando muito o processo e não apenas os resultados dados obtidos através de entrevistas em contato direto com os pesquisados.

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p. 21-22).

Para compreender de maneira mais efetiva como as gestoras trabalham o tema sexualidade no cotidiano escolar, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo doze questões abordando este tema. A entrevista semiestruturada foi aplicada individualmente e no ambiente escolar. Conforme o roteiro de entrevista, as gestoras foram relatando fatos e conceitos sobre a sexualidade em seu ambiente escolar. Sobre a utilização da entrevista na pesquisa, Gil (1999) menciona:

[...] a entrevista [...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número, alerta que se deve cuidar para que o entrevistador não influencie ou interprete as respostas, apenas as reproduza e que não improvise. (GIL, 1999, p. 121).

Portanto, a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa foi com base em observação participante e entrevista semiestruturada. Os resultados da pesquisa são apresentados em forma de resposta aos questionamentos com os quais socializamos a seguir e tecemos reflexões a partir do referencial teórico adotado. Participaram dessa entrevista as gestoras das duas escolas, para facilitar a compreensão das citações dos questionamentos, utilizaremos as letras A e B para nomear, respectivamente, as gestoras da escola Raio de Sol e Carrossel.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Resultados e discussões

Este trabalho foi pensado com o intuito de saber o que realmente acontece nas escolas, com relação a tema sexualidade no cotidiano escolar dos alunos e o que ela está fazendo para lidar com tal situação. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, ao mesmo tempo busca garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades, de seus direitos, de seus deveres (FURLANI, 2009).

Abordaremos a seguir os questionamentos aplicados as gestoras e suas respectivas respostas.

Quando questionadas como a escola trabalha o tema sexualidade, a gestora A respondeu que:

Trabalha através de projetos desenvolvidos na escola com palestra ministradas pelo CRAS, Conselho tutelar e professores capacitados (Gestora A interlocutora da pesquisa).

Já a gestora B respondeu da seguinte forma:

Não trabalhamos muito esse tema, pois os alunos são muito pequenos (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

No que diz respeito a resposta da gestora B, podemos observar o que algumas escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental se recusam a falar sobre o tem a sexualidade alegando que os alunos são muito novos para entender esse assunto, mostrando estar despreparados, pois como já abordamos aqui, a sexualidade começa desde o nascimento.

Para Guimarães (1995), os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes. Ao analisarmos a forma que é abordada a educação sexual em sala de aula a gestora A disse que:

Os assuntos são bordados apenas nas 6º e 7º série e quando existe projetos e programas educativos. (Gestora A interlocutora da pesquisa).

Em seguida a gestora B enfatizou que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O pouco que é falado desse assunto, é abordado apenas as questões de saúde e higiene. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Ao observarmos as respostas das gestoras, vimos que o tema nessas escolas está voltado apenas para o que lhe acham coerente, mas segundo Para Silva e Carvalho (2005) esse despreparo para trabalhar com as questões da sexualidade na escola, apresentado pelos professores, pode ter origem em uma educação familiar anti-sexual e opressora que eles receberam e, também, na sua formação acadêmica inicial em que há pouca discussão sobre a temática.

Quando foram questionadas quanto ao preparo e a formação dos professores de suas escolas em estar devidamente embasados teórico e metodologicamente para falar de sexualidade, a gestora A respondeu simplesmente que: sim, preferindo não entrar em detalhes. Já a gestora B disse que:

Não, pois as series aqui são para crianças pequenas e eles não abordam esse assunto. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Analisando as respostas dos nossos interlocutores da pesquisa percebemos que os mesmos não hesitam em dizer que estão completamente despreparados para trabalhar com Orientação Sexual. Nesse sentido, são oportunas as palavras de Silva (2002, p. 26) ao mencionar que a “a formação do educador sexual é básica no sentido de preparar as pessoas em nível de conhecimento, metodológico e postura para trabalharem a escola com um tema que é ainda polêmica na nossa sociedade.

Sobre o papel da escola ao oferecer educação sexual aos seus alunos, a gestora A enfatizou que:

O papel da escola é alertar os alunos como forma de prevenção e saber diferenciar a hora certa e o momento certo da relação sexual. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Já em outra linha de raciocínio da gestora B respondeu que:

O papel é orientar os alunos em sua higiene e saúde. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Nesta perspectiva observamos que as gestoras não trabalham com o assunto de forma que é abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Segundo os PCN's:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (BRASIL, 2000, p. 299).

Ao serem questionadas como os pais reagem ao saber do tema em sala de aula, a gestora A disse que:

Alguns pais têm receio que esse tema seja abordado em sala porque acham que induz a criança a sexualidade. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Diferentemente a gestora B respondeu que:

Os pais não têm muito acesso a saber se o tema está sendo abordado, pois ele é transmitido para o aluno através da aula de Ciências, já que é só falado sobre higiene e saúde. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

A partir dessa resposta salientamos o que os Parâmetros Curriculares Nacionais falam sobre o assunto:

[...] a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de idéias entre está e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola. (BRASIL, 2000, p. 304).

Nessa mesma direção Souza (2003) pontua:

A atitude dos pais frente à sexualidade e a sua principal influência na educação sexual dos filhos (...). A casa onde a criança vive, deveria ser o lugar onde as dúvidas são esclarecidas, as curiosidades resolvidas e o diálogo uma constante (...). Os pais são os primeiros responsáveis pela educação sexual sendo seu papel insubstituível (SOUZA, 2003, p.35).

No que diz respeito a participação dos professores em curso de formação continuada para trabalhar com o tema sexualidade, ambas gestoras responderam lque não. Porém, destacamos o depoimento da Gestora B ao mencionar:

Os professores não participam, pois, a graduação é suficiente para aborda esse tema. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Foram questionadas também se as gestoras achavam importantes que o tema sexualidade fosse falado em casa também, a gestora A em resposta a essa questão disse que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sim, que é muito importante. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Em concordância com a gestora B, quando diz que:

Esse tema tem que ser abordado em casa, para que quando o aluno venha para sala de aula ele já venha sabendo. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Para Souza (2002. p. 37), “os pais não devem abrir mão do privilégio de serem os primeiros a falar da sexualidade com seus filhos”. Entretanto, os pais não podem transferir a responsabilidade da educação apenas para a escola. Eles devem compreender que a escola é uma aliada e que a família é a entidade educativa mais importante da sociedade.

Dando continuidade ao roteiro de entrevista, perguntamos se na escola existiam algum professor que se recusavam em falar sobre o tema sexualidade para seus alunos. Obtivemos em resposta que não da gestora A, enfatizado que:

Todos falam, dos seus jeitos, mas falam. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Já a gestora B respondeu que:

Alguns professores têm receio de falar esse tema, pois entendem como um papel da família. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Segundo Nunes (2012) a educação sexual nas instituições apresenta desafios por parte dos profissionais da educação, observando-se que alguns educadores não debatem sobre o assunto com seus alunos. Entretanto, existem educadores que conseguem apresentar e articular sobre o tema, e percebem a importância para o desenvolvimento das crianças (BRASIL, 2000).

Quando questionadas se a escola trabalha ou trabalhou projetos e oficinas temáticas com o objetivo de abordar a educação sexual, a gestora A disse:

De maneira muito superficial, pois abordamos desta forma apenas uma vez com o tema abuso sexual. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Em contrapartida a gestora B respondeu que:

Nunca trabalhou projetos com esse tema. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesta perspectiva cabe ao gestor escolar implantar projetos que aborde esse assunto. Referente a frequência que a sexualidade deve ser abordada em sala de aula, a gestora A respondeu que:

Sempre que necessário. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Em seguida a gestora B disse falou:

Sempre que o conteúdo programático solicitar. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Dessa maneira, é preciso que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com os alunos com maior frequência, assim possibilitará uma postura profissional e consciente ao trabalhar como esse tema. Questionadas sobre o tema Educação sexual no PPP da escola as duas gestoras afirmaram que está sendo atualizado.

Por fim, as gestoras responderam sobre as maiores dificuldades que encontram para realizar um trabalho sobre educação sexual. Elas mencionaram:

Os tabus são as maiores dificuldades que ainda tornam o assunto delicado para ser debatido, como também o interesse dos professores sobre capacitação para que eles abordem o assunto de uma forma multidisciplinar. (Gestora A, interlocutora da pesquisa).

Já a gestora B, disse que:

A maior dificuldade é a é a desaprovação da família, isso dificulta aos professores a inserção da Educação Sexual na escola. (Gestora B, interlocutora da pesquisa).

Assim, segundo Bonfim (2009), um dos motivos da sexualidade ser uma temática silenciada no ambiente escolar se deve à não formação docente para abordar a educação sexual. Sendo a sexualidade um tema complexo, amplo e por envolver a educação familiar e religiosa, torna-se um assunto que exige do docente o conhecimento necessário para fazer a abordagem da maneira correta proporcionando a reflexão crítica de cada sujeito respeitando as suas diferenças e concepções.

Conclusão



Ao término da nossa pesquisa, podemos observar que a escola, ao promover conhecimento sobre sexualidade fortalece o aluno e cria condições para tomadas de decisões assertivas, diminuindo a vulnerabilidade e melhorando o desempenho escolar, pois querendo ou não, a escola lida cotidianamente com a sexualidade.

As manifestações de sexualidade mais frequentes acontecem nas trocas de carinho, nas curiosidades sobre o seu corpo e o do outro, nas brincadeiras com os colegas, nas piadas com uma pitada de erotismo, nos desenhos rabiscados nas paredes, nos namoros clandestinos e, infelizmente, nas marcas nos corpos infantis da violência sexual.

É importante lembrar que, quando não se fala sobre sexualidade, ou seja, quando se opta por não trabalhar no espaço da escola, como tem acontecido muito frequentemente, mesmo assim está acontecendo de forma velada ou implícita o ensino da sexualidade, pois o silêncio é também uma forma de educar. Com ele, os alunos aprendem que este é um assunto revestido de tabus e preconceitos.

Analisamos também, que é de suma importância discutir e informar aos alunos quanto ao abuso sexual, à gravidez precoce, a contaminação das DST/AIDS; contudo, não podemos incorrer no erro de reduzir a sexualidade ao conceito biológico, nem tampouco, restringi-la a uma faixa etária específica, pois entendemos que a educação sexual é um desafio a ser alcançado pelos gestores e professores que trabalham diariamente com crianças de qualquer faixa etária.

Assim sendo, os resultados desse trabalho demonstraram a urgência e a necessidade da implantação e a ampliação nas escolas do tema Educação Sexual, haja vista tamanha desinformação por parte dos mesmos, e sabendo que os estudantes têm um grande interesse em descobrir cada vez mais sobre sua sexualidade e um modo melhor de vivenciá-la e expressá-la.

Referências

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **A Escola e a Negação do Corpo da Criança**. Online. Disponível na Internet in:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com/2011/03/escola-e-negacao-do-corpo-e-da.html> Acesso 20 mar 2015.

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual.** 2.ed. Brasília, 2000.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade (s) e Infância (s): A sexualidade como um tema transversal.** São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual.** 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES. I. **Educação sexual na escola: mito e realidade.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MINAYO, M.C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

NUNES, J. L. **Oficina de capacitação: espaços para discussão sobre sexualidade e gênero.** 2012. Monografia (Curso de Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: < http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/JULIANA_LEANDRIN.PDF >. Acesso em: 20 março. 2015.

RIBEIRO, M. **Educação sexual: novas ideias, novas conquistas.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990.

SILVA, M. P; CARVALHO, W. L. P; O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Revista Ciência e Educação**, Bauru - S.P, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo: pais e professores.** São Paulo. Ed. Paulinas, 2002.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Orientação Sexual: repensando conceitos conhecidos.** São Paulo: Paulinas, 1991.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola.** São Paulo: Olho d'Água, 1998.